

# (Des)continuidades na produção de saberes geográficos entre as civilizações helênica e romana: uma contribuição para a história da geografia

*Paulo Roberto Baqueiro Brandão,*  
da Universidade Federal da Bahia, Barreiras, Brasil  
paulobaq@ufba.br

---

**Resumo:** A história da Geografia é tão fascinante quanto longa. Ainda que não tenha assumido o protagonismo alcançado por outros saberes, a exemplo da Filosofia e do Direito, a Geografia exerceu considerável curiosidade entre gregos e romanos ao longo da Antiguidade, o que resultou em farta produção de conhecimentos acerca dos ecúmenos e do instrumental cartográfico naquele período. Ocorre que, embora a sociedade romana seja, em vários aspectos, uma extensão da tradição helênica, nem sempre se pode afirmar o mesmo quanto à produção de saberes geográficos, posto que diferenças de interesses acabassem por definir visões de mundo igualmente distintas. Neste sentido, o ensaio ora apresentado visa se constituir em uma contribuição à História do Pensamento Geográfico através da análise das (des)continuidades existentes na produção de saberes geográficos das duas mais imponentes civilizações da Antiguidade europeia.

**Palavras-chave:** Civilização Helênica; Civilização Romana; Antiguidade; história do pensamento geográfico.

---

## INTRODUÇÃO

A longa história da Geografia pode ser contada desde muito antes da sua conformação como ciência, na virada dos séculos XVIII e XIX, pelas mãos dos notáveis Alexander von Humboldt e Karl Ritter. Ainda na Pré-História, a capacidade de deter saberes geográficos era imprescindível para a manutenção dos grupos primitivos, que tinham suas vidas sobejamente dependentes das forças da Natureza.

Assim, compreender certos aspectos relativos ao clima e à passagem das estações, às formas do relevo, ao regime dos rios e às características do

solo foi crucial para a formação de grupos socialmente mais complexos, que, graças ao acúmulo de tais conhecimentos – e de tantos outros –, atingiram estágios mais avançados, culminando, em uma etapa histórica posterior, na constituição das chamadas grandes civilizações da Antiguidade.

Entre as ditas civilizações, a Helênica (gregos) e a Romana se destacam pelas heranças culturais deixadas às gerações posteriores, inclusive no que tange aos saberes geográficos desenvolvidos por seus estudiosos. Se os primeiros demandaram esforços para compreender, a partir da sua inquietação filosófica, as complexas dinâmicas da sociedade e da natureza, coube aos outros citados, herdeiros diretos da tradição grega, promoverem o desdobramento desses conhecimentos.

Ocorre que, embora a sociedade romana seja, em vários aspectos, uma extensão da tradição helênica, nem sempre se pode afirmar o mesmo quanto à produção de saberes geográficos, posto que diferenças de interesses acabassem por definir visões de mundo também distintas. Neste sentido, o ensaio ora apresentado visa se constituir em uma contribuição à História da Geografia através da análise das (des)continuidades existentes na produção de saberes geográficos das duas mais imponentes civilizações da Antiguidade europeia.

Para tanto, o texto foi dividido em duas partes: a primeira busca contextualizar as espacialidades e temporalidades dos gregos e romanos, para, a partir daí, compreender as condições que engendraram o desenvolvimento de saberes geográficos entre tais civilizações, ao passo que a segunda trata de examinar os enlacs históricos, culturais, econômicos e sociais que incidiram em um ambiente de (des)continuidades na produção de conhecimentos de cunho geográfico entre os povos citados.

## AS CIVILIZAÇÕES HELÊNICA E ROMANA NO ESPAÇO E NO TEMPO

O termo Antiguidade é empregado para designar o longo fragmento de tempo que teve início com o aparecimento da escrita, por volta de 4.000 a.C., e finalizou com a capitulação do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C. Este lapso de tempo inaugural da história da humanidade se caracteriza por ser o período de ascensão das primeiras grandes civilizações, quando alguns grupos sociais se metamorfosearam paulatinamente, atingindo um grau de complexidade política, econômica, social e cultural até então inédito.

Embora a periodização aventada seja consagrada em todos os manuais de História, é preciso ter em conta que esta possui algumas “incongruências” (GUARINELLO, 2003, p. 51), sendo a principal delas o fato da sua formulação ser eurocêntrica. Em outras palavras, a Antiguidade referente ao período já mencionado diz respeito apenas à história das civilizações do Velho Mundo, mais especificamente, do entorno do Mar Mediterrâneo, não abarcando, por exemplo, a existência e as temporalidades das antigas sociedades pré-colombianas ou daquelas localizadas nas mais diversas partes da Ásia.

Deste modo, ainda que sem querer entrar nos debates mais profundos acerca da criação das noções (e mitos?) de Ocidente e Antiguidade, neste ensaio, o termo a ser utilizado para nomear o contexto espaço-temporal em exame será “Antiguidade europeia”. A escolha pela maior clareza da designação permite, enfim, que a precisão assegurada pela delimitação temporal tenha o seu par geográfico igualmente salientado.

Quanto à análise das contribuições na produção de saberes geográficos no contexto da dita Antiguidade europeia, a escolha recai sobre as civilizações helênica e romana por serem ambas as que mais prosperaram em termos de acúmulo de conhecimento da Geografia em seu tempo. Além disso, há um elo cultural entre gregos e romanos, o que permite o exame processual – as (des)continuidades – dos vínculos entre os sábios de cada uma das civilizações.

### Gregos e romanos: os artífices do Ocidente

Segundo Clozier (1972, p. 18), reforçando a perspectiva eurocêntrica da noção de Antiguidade, “o Mediterrâneo é o centro de gravidade do mundo antigo”. Para Blainey (2011, p. 60), acaentando uma visão igualmente centrada no passado europeu, “nenhum outro pedaço de água salgada exerceu uma influência tão ampla sobre o nascimento do mundo atual quanto o Mar Mediterrâneo”. E segue: “O mar unia África, Europa e Ásia. Como uma verdadeira autoestrada marítima, ligava regiões diversas, cada uma com seus produtos (...), sendo também um ótimo condutor de ideias e crenças religiosas” (p. 60-61).

De fato, as margens do vasto mar que banha o sul da Europa, o norte da África e o leste da Ásia serviram de berço para algumas das mais importantes civilizações da Antiguidade europeia, a exemplo dos

gregos e romanos. Além disso, pelas suas características oceanográficas e geomorfológicas (pouca variação de marés, águas relativamente calmas e formação de abrigos naturais para embarcações), o referido corpo d'água foi uma via que privilegiou sobremaneira a difusão de bens e costumes.

Enquanto a civilização helênica estendeu sua presença, a partir da Península Balcânica e ilhas adjacentes, para a atual Turquia, Chipre, Oriente Médio e pontos dispersos do sul da Europa e norte da África, os romanos, cujas origens estão na Península Itálica, no pleno apogeu da sua expansão territorial, no século II a.C., atribuíam ao Mar Mediterrâneo o nome de *Mare Nostrum*, cuja tradução do latim significa, literalmente, "mar nosso".

Estas características locais tiveram repercussão decisiva no desenvolvimento de visões de mundo por gregos e romanos, isto incidindo, por sua vez, na produção de conhecimentos dessas duas civilizações, como se verá alhures. Por outro lado, é importante salientar que ambas civilizações aqui retratadas surgiram em tempos diferentes, ainda que, durante certo período, tenham coexistido e, inclusive, compartilhado tradições, hábitos e conhecimentos.

O aparecimento da Civilização Helênica (como se autodenominavam) ou Grega (termo latino) é controverso, posto que não haja um consenso sobre as suas origens. Certo é que, levando-se em conta a sua existência entre os períodos Pré-Homérico e Clássico ou Helenístico (ARRUDA, 1979), os gregos perduraram de 2000 a.C. a 146 a.C., quando os seus territórios foram anexados e transformados em províncias romanas.

A Civilização Romana, cujas origens se confundem com a lenda dos gêmeos Rômulo e Remo, teve início, por sua vez, com a fundação da cidade de Roma, em 754 a.C. (GRIMAL, 1984), tendo passado, ao longo da sua evolução política, pelos períodos monárquico (754 a.C. a 509 a.C.), republicano (509 a.C. a 27 a.C.) e imperial (27 a.C. a 476 d.C.), quando, após longo declínio, capitularam diante dos invasores do norte.

Como se pode observar, gregos e romanos tiveram uma temporalidade compartilhada desde o surgimento da chamada "cidade eterna". Segundo Coulanges (1998), ainda quando da fundação de Roma, os contatos entre os povos da Península Itálica e os gregos já eram bastante salientes. Nas palavras do célebre historiador francês (p. 410), os "albanos, duas raças mescladas, fundaram Roma em local onde já se elevava outra urbe, Palantio, fundada por gregos. Ora, a população de Palantio subsistiu na nova urbe, e os ritos do culto grego nesta se conservaram".

De acordo com Funari (2011, p. 122), corroborando com o que fora mencionado acima:

O sul da Península Itálica e a Sicília haviam sido colonizados pelos gregos, formando a Magna Grécia, e os romanos conviveram com os gregos por muito séculos. As próprias histórias de Roma inseriam-se na mitologia grega, como mostra bem o caso da ligação entre a narrativa da Guerra de Tróia e a da fundação de Roma (...).

Apesar da existência de contatos permanentes entre os povos desde os primórdios da formação de Roma, o maior período de integração passou a ocorrer a partir de 146 a.C., quando, graças às campanhas militares de caráter expansionista, as cidades-Estados gregas foram anexadas ao Império Romano e transformadas em províncias (DURUY, 1904), o que fomentou o aumento considerável de fluxos de todo tipo, incluindo a transmissão de ideias, valores e costumes. Para Funari (2011), a influência que os gregos exerciam sobre Roma era tão expressiva que, parafraseando o poeta latino Horácio, a Grécia, capturada pelos romanos pela via militar, acabou por capturá-los culturalmente.

Contudo, é importante salientar que afirmar a existência de uma mera ação civilizadora dos gregos sobre os romanos significa incorrer em uma simplificação que em nada contribui para uma interpretação ampla das relações estabelecidas entre esses dois povos. Mais do que simplesmente absorver as tradições helênicas, os romanos souberam reelaborar tais elementos culturais.

Em todo caso, independente da anexação da Grécia pelo romanos, ambas as civilizações são, em grande medida, o que se pode chamar de *artífices do Ocidente*, posto que grande parte daquilo que se convencionou considerar como civilização ocidental contemporânea seja resultado de um vasto legado deixado por esses povos antigos (RUSSELL, 2004), inclusive na produção de saberes de caráter geográfico.

## A PRODUÇÃO DE SABERES GEOGRÁFICOS NAS CIVILIZAÇÕES HELÊNICA E ROMANA

Ainda que não tenha assumido o protagonismo alcançado por outros saberes na construção de uma ideia de Ocidente amparada nas tradições clássicas da Antiguidade europeia, a exemplo do que se deu com

a Filosofia e o Direito, a Geografia exerceu considerável curiosidade entre gregos e romanos, o que resultou em farta produção de conhecimentos acerca dos ecúmenos, das dinâmicas da natureza e do instrumental cartográfico naquele período.

Ocorre que, embora a sociedade romana seja, em vários aspectos, uma extensão da tradição helênica, nem sempre se pode afirmar o mesmo quanto à produção de saberes geográficos, posto que diferenças de interesses acabassem por definir visões de mundo também distintas. Neste sentido, se é verdade que a Geografia elaborada por sábios gregos contribuiu em muito para o desenvolvimento de conhecimentos entre os seus pares romanos, por outro lado, não se pode dar vazão à ideia segundo a qual estes tenham sido meros reprodutores dos avanços proporcionados por aqueles.

Para compreender tais articulações intelectuais, é fundamental ter em conta, por exemplo, que, se entre os gregos a Geografia era uma extensão da Filosofia, uma fonte de aprimoramento dos saberes sobre as coisas do mundo, para os romanos o conhecimento geográfico era visto principalmente como uma entre as tantas ferramentas empregadas na ampliação da sua influência sobre os territórios dominados.

Assim, a tentativa de compreender os aspectos mais relevantes da produção de saberes geográficos no seio de tais civilizações deve ter como ponto de partida o entendimento de que tal acúmulo de conhecimentos se deu por processos de (des)continuidades entre as elaborações intelectuais gregas e as (re)elaborações romanas, como se verá a seguir.

## As continuidades

Uma primeira dívida que toda sociedade letrada de qualquer época ou lugar tem com os gregos no que se refere ao desenvolvimento de saberes geográficos é o próprio termo designativo daquilo que séculos mais tarde viria a se constituir na ciência geográfica. A palavra *Geografia*, escrita originalmente *Γεογραφία* (*geo*, Terra; *graphia*, descrever), tornou-se um termo bem difundido a partir do seu emprego no título de uma obra, escrita em 17 volumes, por Estrabão (64 a.C. a 21 d.C.), na qual descrevia todo o mundo conhecido na Europa de sua época (ANDRADE, 1987).

Curioso observar que, quando da elaboração da obra citada e do emprego do termo Geografia no seu título, a Grécia já vivia sob domínio romano, o que permite inferir que se está tratando de um momento no qual

tais contribuições ao desenvolvimento dos saberes geográficos já se faziam em um contexto de pleno intercâmbio entre as civilizações.

Isto posto, é importante esclarecer que as contribuições gregas ao desenvolvimento de saberes geográficos são anteriores à própria existência do termo acima mencionado. Portanto, para que Estrabão, grego sob “nacionalidade” romana, tenha podido escrever a obra que o tornou conhecido por toda a posteridade, muitos outros sábios gregos – que não viveram a dominação romana em suas cidades-Estados – se debruçaram sobre temas de caráter geográfico.

Entre os antigos pensadores gregos eternizados pelos seus feitos, alguns foram colaboradores na produção de estudos de caráter geográfico, tais como Tales (640 a.C. a 558 a.C.), Anaximandro (610 a.C. a 547 a.C.), Anaxímenes (588 a.C.-524 a.C.) e Hecateu (560 a.C. a 480 a.C.), todos de Mileto, Parmênides (544 a.C. a 450 a.C.), Heródoto (485 a.C. a 425 a.C.), Hipócrates (460 a.C. a 350 a.C.), Aristóteles (384 a.C. a 322 a.C.), Eratóstenes (276 a.C. a 196 a.C.), Hiparco (190 a.C. a 125 a.C.), além do já mencionado Estrabão, e Ptolomeu (90 d.C. A 168 d.C.), os dois últimos tendo vivido no contexto da anexação romana da Grécia.

Ainda que, entre os filósofos citados, o conhecimento geográfico se encontrasse disperso, posto que muitos estudos tivessem sido desenvolvidos sem serem considerados como tal (MORAES, 2005), as formulações desses pensadores podem ser enquadradas em dois grandes conjuntos, conforme aponta Andrade (1987): o da Geografia Descritiva, cujo intuito era compilar informações sobre os diversos territórios alcançados em grandes viagens, chamadas de périplos, e o da Geografia Matemática, que tinha o objetivo precípuo de estabelecer forma, medidas e distâncias da Terra, com repercussão na Cartografia.

Daquilo que foi desenvolvido pelos gregos na forma de conhecimento geográfico, os sábios de Roma demonstraram maior interesse pela Geografia Descritiva, quase não avançando nas formulações da dita Geografia Matemática. A resposta para isto está no fato da grande maioria dos geógrafos romanos ter abraçado a incumbência de elaborar estudos descritivos que contribuíssem na administração dos territórios sob domínio de Roma ou naquilo que influenciasse diretamente a vida dos seus concidadãos.

Assim, os geógrafos romanos, tomando como inspiração as realizações intelectuais dos seus pares gregos, se debruçaram na tarefa de

elaborar estudos descritivos, notadamente das dezenas de províncias sob o domínio de Roma, seguindo as normas dos périplos, estando aí um dos elementos mais representativos da continuidade na produção de saberes entre os estudiosos da Geografia de ambas as civilizações.

Exemplo disto é a clássica obra de Pompônio de Mela, geógrafo romano nascido na atual Espanha no século I d.C., cujo compêndio geográfico, escrito em três volumes possui o título *De Chorographia*. A obra, segundo Gusman (1989, p. 21), uma de suas principais tradutoras, "*es una descripción del orbe conocido, salpicado de abundantes datos históricos, mitológicos, etnográficos, etc.*", bem ao estilo das produções geográficas gregas.

No mencionado compêndio, que é uma entre as suas mais significativas empreitadas intelectuais, o sábio ibérico empregou uma miríade de fontes gregas anteriores à anexação romana dos Bálcãs, com destaque para Heródoto, além de Estrabão e outros pensadores romanos. Descritiva, a obra não rompe quase em nada com as características de elaboração desenvolvidas entre os geógrafos helênicos, a não ser pelo caráter claramente didático que possui.

Como afirmado em trecho anterior, ao contrário da Geografia Descritiva, que representou um traço de continuidade na produção intelectual entre os sábios de ambas as civilizações em tela, a Geografia Matemática não despertou grande atenção entre os pensadores de Roma. Exceção feita a Ptolomeu, que, a exemplo de Estrabão, era um cidadão de origem helênica que viveu sob o estandarte romano.

O grande pensador produziu uma vasta obra que tornava correlatos os conhecimentos geográficos, astronômicos e matemáticos, tomando como base uma visão aristotélica de mundo. Segundo Rocha (1997), o objetivo principal do trabalho desenvolvido por Ptolomeu era a fixação do ecúmeno e, para isto, a Geografia Matemática por ele elaborada era absolutamente necessária.

A contribuição máxima que Ptolomeu deixou para a posteridade foi a obra *Syntaxis Geographica*, também conhecida pela sua tradução em árabe, intitulada *Almagesto*, difundida no mundo muçulmano ao longo da Idade Média. Nesse tratado, formado por treze livros, são apresentados conhecimentos relativos à astronomia, entre os quais as bases da teoria de um sistema planetário geocêntrico, além de estudos de medições de distância, com quadros de coordenadas geográficas.



Isto posto, não há como negar a enorme contribuição que os gregos regalaram aos romanos no que tange à produção de saberes geográficos. A exposição acima aponta apenas alguns poucos pensadores e seus feitos no campo da Geografia, muitos deles absorvidos e reproduzidos pelos estudiosos de Roma. É errado, porém, assumir a defesa de uma ideário, já bastante difundido, segundo o qual todo o conhecimento geográfico obtido a partir do pensar e do agir romano seja um mero reflexo da grandiosidade intelectual da Civilização Helênica.

#### As descontinuidades

Do que foi produzido pelos filósofos gregos em termos de conhecimento geográfico, nem tudo foi absorvido de forma fidedigna pelos romanos. Os estudiosos de Roma, imbuídos do espírito pragmático que era próprio da sociedade e do Estado dos quais faziam parte, buscaram desenvolver o conhecimento geográfico herdado da tradição helênica mormente naquilo que fosse do interesse de Roma no tocante à dominação de territórios e ampliação das relações econômicas.

A própria obra de Estrabão, a já mencionada *Geografia*, pode ser considerada como uma transição entre as concepções de conhecimento geográfico dos gregos e dos romanos. Por um lado, empregava os métodos descritivos desenvolvidos nos périplos, mas, por outra parte, como indica a historiografia estraboniana, a produção da obra teria o propósito de fornecer às elites políticas e militares de Roma informações estratégicas dos lugares descritos (SILVA, 2010).

Neste sentido, é justamente a partir da crescente necessidade, entre os sábios romanos, de produzir saberes que legitimassem as aspirações do Estado e da sociedade, que surgiram as mais significativas descontinuidades com o pensamento geográfico helênico. Assim, os estudos geográficos elaborados pelos pensadores romanos eram desenvolvidos, na grande maioria das vezes, com finalidades eminentemente pragmáticas e continham preocupações sobre a administração do território, inventários de lugares e de povos, descrição de atividades econômicas, itinerários das vias romanas (terrestres, marítimas e fluviais), informações úteis para a navegação ou mesmo para a vida cotidiana, além de mapas produzidos com objetivos de ordem comercial ou militar.

Graças às preocupações com a administração do Estado, por exemplo, que termos como “região” e “território”, criados em meio à necessidade de dividir racionalmente o Império Romano, chegaram aos dias de hoje, sendo considerados, inclusive, como conceitos-chaves da ciência geográfica.

Para Gomes (1995, p.50):

A palavra região deriva do latim *regere*, palavra composta pelo radical *reg*, que deu origem a outras palavras como regente, regência, regra, etc. *Regione* nos tempos do Império Romano era a denominação utilizada para designar áreas que, ainda que dispusessem de uma administração local, estavam subordinadas às regras gerais e hegemônicas das magistraturas sediadas em Roma.

Quanto ao território (*territorium*, em latim), Painter (2010) denota a origem romana do termo, atribuindo a Sextus Pomponius, um importante jurista do século II, a autoria de uma definição largamente empregada no meio jurídico de então, segundo a qual a referida palavra dizia respeito a toda terra incluída nos limites de qualquer cidade do Império, revelando, assim, os significados legal e político aí contidos.

No que concerne aos estudos geográficos propriamente ditos, já que os termos acima mencionados, à época, não tinham relação direta com a Geografia, muitos foram os pensadores romanos que contribuíram na produção de saberes ligados a este campo do conhecimento, com destaque para aqueles que, em consonância com os interesses do Império e da sociedade, investigaram temas de cunho prático.

O grande sábio conhecido como Plínio, o Maior (23 d.C. a 79 d.C.), por exemplo, dedicou-se ao estudo dos problemas sanitários e de abastecimento das cidades, das relações comerciais e tráfego de mercadorias (ANDRADE, 1987), além de temas referentes à dinâmica das marés e ao vulcanismo. Foi justamente em função deste seu último interesse de pesquisa, aliás, que Plínio veio a falecer, tendo sido vitimado pela erupção do vulcão Vesúvio, quando observava sua ocorrência em um barco no litoral próximo, no famoso episódio do soterramento da cidade de Pompeia.

Há que mencionar ainda o quanto os trabalhos de medição e inventariação dos recursos de Roma geravam grande interesses para o Estado. Segundo Clozier (1972, p. 32):

No tempo de César, um senátus-consulta ordenou que o mundo romano fosse medido e inventariados os seus recursos militares e econômicos. Todo um exército de géometras-agrimensores foi empregado nesta imensa tare-

fa., após a qual se erigiu em Roma a coluna miliar, *miliarum aureum*, donde radiavam, em direção às fronteiras, as grandes vias cuja medição tinha sido efectuada.

Todas estas medições, assim como os cadastros e recenseamento efectuados nas províncias, não conseguiram determinar nenhum resumo sinóptico do Império, mas apenas *itinerários* ou levantamentos de rotas.

Como colaborador de tais empreitadas, coube a Etico de Istria, que viveu no século IV, a autoria de uma das mais importantes descrições do sistema viário romano, denominado *Antonii Augusti Itinerarium*, um complemento da sua obra intitulada *Cosmografia Latina*. Segundo Altandill (1920), o seu itinerário assinala a existência de 372 vias romanas, que contabilizavam muitos milhares de quilômetros de extensão.

Outra das discontinuidades entre os sábios gregos e romanos está ligada ao estilo de escrita segundo o qual apresentavam os seus estudos de carácter geográfico. Entre os geógrafos romanos era comum o uso de um estilo mais literário quando da descrição dos lugares, sobretudo naqueles casos nos quais as obras eram elaboradas em homenagem a imperadores, senadores, generais, cônsules, entre outros membros da aristocracia de Roma. As crônicas e os poemas geográficos eram, então, um recurso bastante difundido.

Exemplo disto é o sábio Caio Julio Solino (século III), autor de *De mirabilibus mundi*, mais conhecido pelo subtítulo *Collectanea rerum memorabilium*, que conta, inclusive, com tradução espanhola editada contemporaneamente (SOLINO, 2001). Na mencionada obra, o pensador romano realiza uma criteriosa descrição de curiosidades de base corográfica, escrita através da elaboração de crônicas.

Outro geógrafo, Rufo Festo Avieno, que viveu na segunda metade no século IV, apresentou, nas suas obras *Descriptio orbis terrae* e *Ora marítima*, uma série de poemas que contém exposições sobre características hidrográficas, geomorfológicas, vias romanas e localização de cidades, além da descrição de toda a costa europeia sob domínio romano. Ainda que existam questionamentos acerca da precisão de algumas das suas informações (SMITH, 1867; ALTADILL, 1920), a obra é valiosa pela vastidão de lugares descritos.

Por outro lado, é possível perceber que a ligação entre Geografia e Literatura junto aos pensadores romanos vai além do exposto acima. Cabe a Vibius Sequester (século IV) ser considerado um dos pioneiros dos estudos toponímicos, ao elaborar uma lista descritiva de nomes geográficos citados

em poemas de autores romanos, entre os quais destacam-se os topônimos contidos nas obras de Virgílio e Ovídio, entre outros.

Pelo exposto, fica patente que há uma real descontinuidade na produção de saberes geográficos entre as tradições helênica e romana, ainda que a primeira das civilizações mencionadas tenha sido o sustentáculo das emanações intelectuais iniciais provenientes dos geógrafos que ostentavam a condição de cidadãos de Roma. Neste sentido, é simplista a afirmação de que a Geografia romana não possui qualquer mérito em ter produzido conhecimento que não tenha sido elaborado a partir dos saberes deixados pelos gregos.

## CONCLUSÃO

Embora Clozier (1972) negue aos geógrafos romanos algum valor, posto que tenha considerado apenas os sábios gregos romanizados como propositores de avanços nos saberes geográficos de então, é mais que evidente que a história da Geografia na Antiguidade europeia contém dois grandes capítulos distintos, mas absolutamente complementares, como se pode ver no quadro sintético abaixo.

Quadro 1. Contribuições de sábios gregos e romanos à produção de conhecimentos geográficos na Antiguidade europeia.

		Gregos	Romanos
Temas geográficos	Geografia Descritiva	Hecateu Parmênides Heródoto Hipócrates Aristóteles Eratóstenes	Estrabão Pompônio de Mela Plínio, o Maior Caio Julio Solino Etico de Istria Rufo Festo Avieno Vibius Sequester
	Geografia Matemática	Tales Anaximandro Anaxímenes Hiparco	Ptolomeu

Fonte: elaborado pelo autor (2012).

Não há como negar que os gregos, que deram os primeiros passos rumos à produção sistemática de conhecimentos de cunho geográfico, legaram aos sábios de Roma saberes referentes ao estudo descritivo dos lugares, à interface sociedade/natureza e à produção de mapas, tudo isso graças à forte integração que permeou, por certo tempo, as relações entre esses intelectuais.

Por outro lado, pela forma diversa com a qual encaravam a Geografia, gregos e romanos estabeleceram descontinuidades na formulação de conhecimentos geográficos, não sendo possível, portanto, considerar a produção intelectual emanada a partir de Roma como um mero reflexo daquela desenvolvida pelos pensadores da Civilização Helênica.

Entre os gregos, a Geografia se fazia principalmente como parte da Filosofia, como mais um dos caminhos intelectuais que os sábios de então utilizavam na busca por respostas para as diversas questões relacionadas ao funcionamento e à dinâmica das coisas do mundo assim como o concebiam.

Para os romanos, por sua vez, a Geografia era tida como um instrumento que tornavam mais eficientes as práticas político-militares do Império. Parafraseando Giordani (2002), é possível afirmar que o conhecimento geográfico era uma condição para o êxito das expedições militares, para a eficiente apropriação político-administrativa dos territórios e para a manutenção dos fluxos econômicos (QUADRO 2).

Quadro 2. Principais continuidades e descontinuidades na produção de saberes geográficos entre as civilizações grega e romana.

	Continuidades	Descontinuidades	
		Gregos	Romanos
Geografia Descritiva	Estudos de lugares Estudos físico-ambientais	Geografia Médica	Contos geográficos Toponímia Geopolítica
Geografia Matemática	Medições da Terra Cartografia	Gravidade	Abastecimento Saneamento

Fonte: elaborado pelo autor (2012).

Porém, independente dos estímulos à continuidade e descontinuidade quanto à integração existente entre as tradições geográficas helênica e romana, há que se considerar que o período ora examinado, o primeiro da História da Geografia em que se verifica certa preocupação em sistematizar os saberes acumulados, se constitui em uma etapa histórica de intensa pro-

dução de conhecimento, rica em personagens que merecem serem melhor examinados e, por fim, preenhe em fato que revelam a longa sina da ciência geográfica em tráfegar entre o apelo filosófico do saber gerado e a instrumentalização para práticas de agentes hegemônicos.

---

(DIS)CONTINUITIES IN THE PRODUCTION OF GEOGRAPHICAL KNOWLEDGE BY THE GREEK AND ROMAN CIVILIZATIONS: A CONTRIBUTION TO THE HISTORY OF GEOGRAPHY

**Abstract:** The history of Geography is as fascinating as it is long. Although it has not assumed the leading role attained by other fields of knowledge, such as philosophy and law, there was considerable curiosity about geography among Greeks and Romans of Antiquity, which resulted in abundant production of knowledge about the places and cartographic instruments of the time. The fact of the matter is that even though the Roman society is, in many respects, an extension of the Greek tradition, one cannot say the same about the production of geographical knowledge, since differences in interests ended up defining distinct worldviews. In this sense, this essay seeks to contribute to the History of Geography through the analysis of existing (dis)continuities in the production of geographical knowledge by two of the most prominent civilizations of European Antiquity.

**Keywords:** Greek civilization; Roman civilization; Antiquity; history of geography.

---

## REFERÊNCIAS

- ALTADILL, Julio. *Geografía Histórica de Navarra*. Los despoblados. Pamplona: Comisión de Monumentos Históricos y Artísticos de Navarra, 1920.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia*. Ciência da Sociedade. Uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.
- ARRUDA, José Jobson de A. *História Antiga e Medieval*. São Paulo: Ática, 1979.
- BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do mundo*. São Paulo: Fundamento Educacional, 2011.
- CLOZIER, René. *História da Geografia*. Sintra: Publicações Europa-América, 1972.
- COULANGES, Numa Denis Fustel de. *A cidade antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- DURUY, V. *Compendio de Historia Romana*. Paris: Librería de Hachette y Cia, 1904.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. Vida pública e vida privada. Cultura, pensamento e mitologia. Amor e sexualidade. São Paulo: Contexto, 2011.
- GIORDANI, Mario Curtis. *História de Roma*. Antiguidade Clássica II. Petrópolis: Vozes, 2002.

GRIMAL, Pierre. *La Civilisation Romaine*. Paris: Les Éditions Asthau, 1984.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Uma morfologia da História: as formas da História Antiga. In *Polithéia*, v. 3, n. 1. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2003, p. 41-61.

GOMES, Paulo César da Costa. O conceito de região e sua discussão. In CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Geografia*. Conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 49-76.

GUSMAN ARIAS, Carmen. Introducción. In MELA, Pomponio. *Corografía*. Murcia: Universidad de Murcia, 1989.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia*. Pequena história crítica. São Paulo: Anablume, 2005.

PAINTER, Joe. Rethinking territory. In *Antipode*, v. 42, n. 5. Cambridge: Blackwell, 2010, p. 1090-1118.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. Geografia Clássica – uma contribuição para a história da ciência geográfica. In *Revista Presença*, v. 1, n. 10. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, 1997, p. 1-11.

RUSSELL, Bertrand. *História do pensamento ocidental*. São Paulo: Ediouro, 2004.

SILVA, Bruno dos Santos. Introdução aos estudos sobre "A Geografia", de Estrabão. In *Mare Nostrum*, v. 1. n. 1. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010, p. 71-83.

SMITH, William. *Dictionary of Greek and Roman biography and mythology*. Boston: Little, Brown and Co., 1867.

SOLINO, Cayo Julio. *Colección de hechos memorables*. Madrid: Gredos, 2001.

---

### Sobre o autor

PAULO ROBERTO BAQUEIRO BRANDÃO. Possui graduação em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Federal da Bahia (concluída em 1997), especialização em Gerenciamento Ambiental pela Universidade Católica do Salvador (concluída em 1999), mestrado em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (concluído em 2004) e realiza estudos de doutorado em Geografia na Universidade Federal de Pernambuco (ingresso em 2008). Atualmente, é Professor Assistente II do curso de Geografia da Universidade Federal da Bahia, campus Professor Edgard Santos, em Barreiras (BA). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana, Geografia Histórica e Geografia do Turismo.

---

Recebido para avaliação em 09 de junho de 2012

Aceito para publicação em 20 de julho de 2012